

HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO LITERÁRIA NAS NOVELAS ZÉFINHA (1921) E PADRE CORNÉLIO (1921) DE LUIS LAVENÈRE

José Fabio Cassiano dos Santos¹, Ana Claudia Aymoré Martins² / Orientadora

1. Graduado em História Bacharelado e graduando em História Licenciatura pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas - UFAL
2. Professora Doutora e Pesquisadora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Resumo:

O projeto de pesquisa *História e Construção Literária nas novelas Zéfinha (1921) e Padre Cornélio (1921) de Luis Lavenère* tem como objetivo analisar o contexto histórico-social de Alagoas nos anos 1920, em especial o processo de formação urbana de Maceió, através das “cenas” compostas na forma de ficção literária nas novelas Zéfinha e Padre Cornélio, de Luis Lavenère. Diante da obra literária escrita por Lavenère, busca-se, portanto, compreender não apenas os aspectos espaciais do território alagoano dos anos de 1920, mas igualmente demonstrar a importância do resgate de uma literatura que não se encontra entre os cânones de autores alagoanos, mas que traz em si todo o potencial de uma fonte capaz de nos fazer refletir acerca da história cultural, social e política de Alagoas.

Palavras-chave: Literatura; Alagoas; Folhetim

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - FAPEAL.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Universidade Federal de Alagoas

Introdução:

No Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, diante de livros, coleções, arquivos e registros de nossa história alagoana, deu-se a descoberta do objeto desta pesquisa: *Zéfinha: cenas da vida alagoana* e *Padre Cornélio: cenas da vida alagoana*, duas partes de uma mesma novela escrita por Luiz Lavenère Wanderley (1868-1966), publicada pela primeira vez no folhetim; *A Conquista* e que, posteriormente, ganhou o formato de livro, publicado pela Livraria Machado em 1921.

Luiz Lavenère Machado (17/02/1868 – 29/10/1966) foi um homem extremamente atuante na vida social alagoana, contribuindo com o movimento abolicionista como redator do jornal *Lincoln*, como nos descreve Monica Louise Santos: “Entre os jornais fundados na época da abolição da escravatura estavam [...] o *Lincoln*, fundado em 1884, estava sob a direção da Sociedade Libertadora Alagoana, cujos redatores eram Francisco Domingues da Silva, o professor Luiz Lavenère e o Euzébio de Andrade¹” (p. 20, 2008)

Lavenère foi político, professor, fotógrafo e jornalista, ocupando a cadeira de número 36 na Academia Alagoana de Letras. Além das obras das quais tratamos nesta pesquisa, Lavenère publicou *O bonde elétrico* (1915), *Almanaque alagoano das senhoras: literário, histórico e estatístico* (1904), *Mostruário de gravuras de zinco* (1922), *Compêndio de teoria musical* (1927), *A música em Alagoas* (1928), *Nigumba, conto africano* (1935), *Meu Waterloo na imprensa de Maceió* (1946), *Ad memoriam* (1948), dentre inúmeras outras.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os elementos internos que compõem o discurso ficcional em prosa no Brasil em correlação com seus respectivos contextos de referência, de modo a fornecer um entendimento da criação literária em suas imbricações com a história do Brasil; e como objetivo específico: analisar o contexto histórico-social de Alagoas nos anos 1920, em especial o processo de formação urbana de Maceió, através das “cenas” compostas na forma de ficção literária nas novelas *Zéfinha* e *Padre Cornélio*, de Luis Lavenère.

Metodologia:

A metodologia utilizada ao longo do desenvolvimento desta pesquisa foi elaborada a partir de textos teórico-metodológicos que privilegiaram a discussão acerca das relações entre História e Literatura, obras e fontes específicas para a compreensão do autor da novela *Scenas da Vida Alagoana*, Luiz Lavenère; e a leitura de livros que discorressem sobre o contexto da obra.

A partir dessas diretrizes gerais, nas quais o projeto foi elaborado, iniciamos os estudos com encontros quinzenais que tinham como intuito a leitura de textos de base teórica-metodológica dentre os quais citamos: *O demônio da teoria* de Antonie Compagnon, *O rumor da língua* de Roland Barthes, *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios* de Marlyse Meyer, *O romance histórico* de Georg Luckács, dentre outras.

A leitura desses autores teve por objetivo a aproximação e familiarização da linguagem literária e de sua relação com a História. Um dos principais debates acadêmicos existentes e necessário para compreendermos as discussões conceituais é a noção de mimese, a partir da qual pomos questionar os limites entre verdade e ficção, real e imaginário. Portanto, essa pesquisa tem como caminho a interdisciplinaridade, unido dois campos, dados por muito tempo como distintos, pois, para a História convencionalmente apontava-se a verdade como caminho, e para a Literatura o ficcional. Conjuntamente com as leituras e debates teóricos,

foram iniciadas as leituras e o fichamentos de *Zéfinha: cenas da vida alagoana* e *Padre Cornélio: cenas da vida alagoana*.

Resultados e Discussão:

Os desafios da disciplina histórica em abarcar a multiplicidade da vida, levando em conta os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, sem perder de vista as particularidades e a totalidade das ligações entre as partes, renova-se a cada momento, gerando demandas, necessidades de análises da realidade, suas conjecturas e implicações. Nesse sentido, a abertura dos historiadores para as novas fontes de pesquisa foi essencial no processo de renovação do paradigma historiográfico e de uma visão questionadora sobre, a até então, postura tradicionalista da História.

Apesar da dicotomia construída ao longo da formação dos dois ofícios, o histórico e o literário, que estabeleceu a distinção existente entre o real e o ficcional, história e literatura, a aproximação pela busca da verdade e a apropriação da realidade como substrato necessário para a criação literária; os estudos históricos acerca da literatura são um importante passo para a compreensão da nossa sociedade. A literatura, assim como tudo o que o homem produz, é uma fonte capaz de nos legar conhecimento acerca de um período específico de nossa história, sobre a cultura, costumes, linguagem, dentre outros aspectos.

Na apresentação da obra *A Musa discreta em cenas literárias: um diálogo entre literatura e história* Ana Cláudia Aymoré Martins esclarece que:

[...] esses dois campos convergem em vários níveis, e numa relação de mão dupla. Por um lado, a literatura se apropria, de inúmeros modos do repertório factual da realidade empírica, mesmo quando o objetivo do autor seja o de inverter, parodiar, alegorizar ou mesmo suspender o tempo histórico; por outro lado, o historiador, mesmo que busque a maior objetividade possível diante do seu documento (ele próprio já uma fonte pouco confiável, visto que sempre carregado de subjetividades), necessitará sempre fazer o uso de ficções e de modelos heurísticos para orientar sua pesquisa, cujo resultado é elaborado, finalmente, através da urdidura de um enredo, onde é dado um sentido ao caos das existências dos grupos humanos. (MARTINS, 2009, p.7)

A partir dessa perspectiva, apontamos que a necessidade do enfoque histórico nos estudos acerca das obras literárias de autores alagoanos, já é em si, algo que extrapola as atuais condições de política-cultural do Estado; ficando em certa medida, o conhecimento da produção local, preso aos limites dos grandes nomes da nossa literatura, que forjaram as bases da nossa escrita e interpretação da realidade que os cercavam, como Graciliano Ramos, Lêdo Ivo e Jorge de Lima.

Zéfinha: Cenas da Vida Alagoana e *Padre Cornélio: Cenas da Vida Alagoana* são duas novelas publicadas em Maceió no ano de 1921 pelo jornalista Luiz Machado Lavenère através da Livraria Machado. Uma obra literária que tinha como espaço de tessitura ficcional, como já expõe o próprio título, Alagoas. Narra-se a história de Zéfinha, mulher ambiciosa que busca a todo custo alcançar o sucesso econômico criando situações que a favoreçam. Em *Scenas da Vida Alagoana* apesar de Zéfinha ser a personagem por onde toda a história e os personagens se conectam, observamos uma multiplicidade de tipos humanos com seus temores, fraquezas vícios, utopias, traições e desilusões. Encontramos nos diálogos dos personagens a crítica ao capitalismo, a imagem do patrão como explorador, a desilusão de um personagem socialista, a ineficiência pública, o acúmulo de terra nas mãos de poucos, dentre tantos outros assuntos que se desenvolvem no decorrer da novela.

A Alagoas que Lavenère apresenta em *Scenas da Vida Alagoana* é a dos banhos nos fins de semana na Bica da Pedra, do Jaraguá como ponto de comércio de tecidos, do bairro de Bebedouro, de declamações de poesia e cânticos de modinhas durante a travessia da Lagoa Mundaú, saindo do Porto da Levada até a chegada na Bica da Pedra, de Coqueiro Seco, da Great Western, das tensões sociais e políticas, da ineficiência pública e dos apadrinhamentos. Essa característica folhetinesca de abarcar a vida social, a política, a emoções, as transformações sociais e os acontecimentos históricos são ressaltadas por Marlyse Meyer em *Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica*, que recupera as palavras reflexivas de Machado de Assis:

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil. O parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Esses dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. [...] O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. [...] Como quase todas as coisas deste mundo o folhetinista degenera também. Algumas das entidades que possuem essa capa esquecem-se de que o folhetim é um confeito literário sem horizontes vastos, para fazer dele um canal de incenso às reputações firmadas, e invectivas às vocações em flor, e aspirações bem cabidas. [...] (MEYER, 1998, p.111)

Lavenère capturou as cenas que se passavam em seus olhos, não somente se apropriando do espaço

geográfico de Alagoas, seja em palavras ou em imagens que ilustram seu livro, mas, demarcando as problemáticas de uma deficiente província. Desse espaço ficcional das “scenas da vida alagoana” em que é tecida a narrativa da vida de Zéfinha, emergem personagens, tipos sociais que podem nos trazer índices para a compreensão do que era a Alagoas daquele tempo histórico.

Aqui e ali encontravam pescadores de sururús, que mergulhavam até o fundo da lagôa para retirar da lama o apreciado molusco; pescadores de linha, que passavam oras inteiras, segurando a vara com anzol para apanhar um pobre peixinho. Algumas canôas vinham para a Levada carregadas de carvão, lenha ou fructas” (LAVENÈRE, 1921, p.11)

Observamos no trecho acima, a descrição do Porto da Levada e conseqüentemente do espaço Lagunar da Mundaú. Lavenère descreve um lugar ainda intocado pelas transformações agressivas que ocorreriam posteriormente na década de 1970, que levariam ao fim do Porto da Levada, com a finalidade de criar a região do Dique Estrada e a drenagem e aterramento dos Canais lagunares, nesse espaço em que se passa uma das cenas da novela *Scenas da Vida Alagoana* (1921).

O segundo livro da novela, *O Padre Cornélio*, foi recepcionado no Jornal América Brasileira com uma pequena nota:

O Sr. Luiz Lavenère publicou há tempos um livrinho descrevendo scenas da vida alagoana – Zéfinha. Agora dá-nos sua continuação com *O Padre Cornélio* – reproduzindo com felicidade os costumes alagoanos, caricaturando os typos que se movem na sociedade local, satyrisando-os com justeza e brilho. (América Brasileira, 1922, p.36).

Os processos descritivos de Lavenère lembram a imagem traduzida em palavras sobre a Maceió de Félix Lima Júnior. A cultura dos banhos da Bica da Pedra:

“Em canoas e lanchas alugadas, durante o verão, famílias iam, em pique-niques, divertindo-se, descansando, aos sítios, pelo canal. Há quarenta anos, o cirurgião dentista José Leão Rêgo, estimado e simpático, levava a *jeunesse dorée* para magníficas reuniões, na Bica da Pedra. [...] Partiram os excursionistas do Trapiche, às 6 horas da manhã de um dia muito claro e quente, o céu muito azul, a água do canal e da lagoa lisa como um espelho. Foram até a cidade de Alagoas, parando na Bica da Pedra, no Sítio Paraíso, no Broma. A bordo, dançou-se, tocou-se, declamou-se, namorou-se, tanto na ida como na volta...”. (LIMA JUNIOR, 2014, p.65/66)

Destacamos a riqueza de discussões existentes no diálogo desenvolvido entre os personagens, como podemos observar no caso do personagem Silveira: um homem que tem como orientação política o socialismo, mas que ao ficar rico repentinamente em um jogo, abandona suas ideologias e a luta a favor da causa operária. Silveira faz uma prova para se tornar farmacêutico, vai para o interior e ao se fixar lá se passa por médico. Comparemos os dois momentos da vida de Silveira:

– Ora esta! Então a terra é propriedade de alguém? A terra é nossa, a propriedade é roubo, fallou o Silveira. Estas árvores são de toda a gente que possa colher seus fructos. A terra nunca foi producto do trabalho do homem. Só o producto do trabalho é que pode constituir objecto de propriedade. (LAVENÈRE, 1921, p.21)

Vejamos agora sua transformação após ter ficado rico:

– As minhas idéas libertárias fechavam as melhores portas que eu podia escolher para entrar na prosperidade. Felizmente, aquellas entrevista do Hotel Nova Cintra matou em mim o monstro do Socialismo e tu o enterraste sem que avaliasses o bem que me fazias. Consegui pelo trabalho, ainda que mal começado, fazer os alicerces do meu futuro. [...] (LAVENÈRE, 1921, p. 65)

Por fim, deixamos claro que as novelas de Lavenère desenvolvem um “efeito do real” (BARTHES, 2004), ou seja, a partir da apropriação do espaço geográfico alagoano, com seus problemas, questionamentos sociais, cultura, peculiaridades; além da descrição de personagens e as problematizações que são desenvolvidas ao longo da narrativa, ele constrói as *Scenas da Vida Alagoana*. As delimitações entre ficção e história, na obra de Lavenère são bastante fluidas; por vezes acionando fatos históricos, como a Primeira Guerra Mundial ou a grande Cólera, impondo a quem lê sua obra uma sensação de verdade, um efeito do real.

No entanto, como no trabalho com qualquer outra fonte, a análise histórica da obra do escritor maceioense requer uma perspectiva crítica. O próprio Lavenère, em *Zéfinha*, alertava:

Antes de prosseguir, previno ao leitor que não há nestas narrativas nenhum factu verdadeiro; apenas alguns lugares tem nomes reaes. Existem até anachronismos

propositaes, quanto juguei possível se descobrir na minha fantasia alguma similhaça com a verdade. (LAVENÈRE, 1921, p.8)

Conclusões:

Diante do debate exposto, buscamos discutir a importância do estudo histórico sobre a literatura de Luiz Lavenère, pois, ainda são incipientes ou quase nulas, as pesquisas sobre suas obras literárias; além de discutirmos a importância da fonte literária para a compreensão histórica. Estudar a história de Alagoas a partir da fonte literária é um caminho para se compreender como seus literatos construíram ficcionalmente a vida alagoana, os espaços, seus tipos, suas problemáticas sociais, culturais e econômicas.

Referências bibliográficas

Resenha da actividade Nacional. **América Brasileira**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 6, maio 1922, p.36.

Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=158089&pagfis=104&url=http://memoria.bn.br/docreader>>

Acesso em: 20 fev. 2017.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAVENÈRE, Luis. **Zéfinha**: cenas da vida alagoana. Maceió: Livraria Machado, 1921.

_____. **O Padre Cornélio**: cenas da vida alagoana. Maceió: Livraria Machado, 1921.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de Outrora**. Maceió: Imprensa Oficial, 2014

MARTINS, Ana Claudia Aymoré (org.). **A musa discreta em cenas literárias**: um diálogo entre literatura e história. Maceió: EdUfal, 2009.

MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.

SANTOS, Mônica Louise. **A educação de meninos negros na escola central em Maceió (1881-1893)**. Maceió, AL, 2008. 50 f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.